



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade
Habitação em Audiovisual

**AUDIODESCRIÇÃO PARA O CURTA-METRAGEM
A MELHOR VERSÃO DE MIM**

KEILLA SALVADOR DA SILVA
14/0096256

Brasília- DF
Dezembro de 2020



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade
Habilitação em Audiovisual

**AUDIODESCRIÇÃO PARA O CURTA METRAGEM:
A MELHOR VERSÃO DE MIM**

KEILLA SALVADOR DA SILVA
14/0096256

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade de Comunicação da Universidade
de Brasília, como requisitos para obtenção do
título de Bacharel em Comunicação Social com
habilitação em Audiovisual.

Orientadora: Profa. Dra. Rose May Carneiro

Profa. Dra.
Patrícia Colmenero Moreira de Alcântara

Profa. Dra. Denise Moraes Cavalcante

Brasília- DF
Dezembro de 2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela minha vida, por eu estar de pé, e pela oportunidade de desenvolvimento que este curso me proporcionou.

Agradeço à Gabriela Romano, minha amiga que me inspirou a realizar esse trabalho.

À coordenação do Festival Taguatinga de Cinema e à Coordenação de Extensão da FAC/UNB que nos deu oportunidade, a mim e à Gabriela Romano, de disponibilizarmos nosso conhecimento sobre este tema, que nos é tão caro, para outras pessoas.

À Ester Macedo que se mostrou uma nova entusiasta da causa.

À Viviane Queiroz, à Juliana do Vale e ao Gabriel Lopes que contribuíram, enormemente, para que esse trabalho fosse realizado.

Agradeço à minha amiga Júlia, parceira de todas as horas, e à Thalita Alves por todas as conversas e apoio.

À professora Rose May Carneiro pela orientação, suporte e troca de conhecimentos nessa caminhada. À professora Helena Vigatto pelo trabalho desenvolvido que muito tem me inspirado.

À coordenação da Biblioteca Pública Braille Dorina Nowill pelo belo trabalho desenvolvido em termos de acessibilidade e inclusão cultural das pessoas com deficiência visual.

À minha mãe por esse momento tão aguardado.

Às professoras Patrícia Colmenero e Denise Moraes pelas contribuições para o aprimoramento do meu trabalho.

E a todos que de maneira direta ou indireta me auxiliaram nesta jornada, seja através da amizade, da troca de conhecimento, do apoio ou da inspiração e pelo entusiasmo da luta pela causa da inclusão e acessibilidade.

Todos têm direitos e deveres. Quem recebe tem de dar. O metro quadrado que você ocupa na vida tem de produzir e render para a sociedade.

Dorina Nowill

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar o processo de produção de uma audiodescrição. A Audiodescrição é uma tradução intersemiótica em que a linguagem cinematográfica e/ou audiovisual é transposta para a linguagem sonora. Dessa forma, é necessário diversos processos como a análise fílmica; a escrita do roteiro de audiodescrição; a consultoria de um pessoa com deficiência visual; a gravação e direção de narração; a edição; e, por fim, a revisão final para que o produto possa ter a melhor qualidade técnica e estética possível. Levando em consideração os elementos da linguagem e estética cinematográfica, foi desenvolvido uma coordenação de produção para que o produto final, a audiodescrição, pudesse ser realizada.

Palavras-Chave: audiodescrição, linguagem cinematográfica, linguagem sonora, produção audiovisual, acessibilidade.

ABSTRACT

This work aims to report the production processes of an audio description. Audiodescription is an intersemiotic translation in which the cinematographic and audiovisual language will be transposed into a sound-only language. Thus, several processes are necessary, such as film analysis; writing the audio description script; consulting a visually impaired person; recording and directing narration; the edition; and the final revision so that the product can have the best technical and aesthetic quality possible. Taking into account the elements of cinematographic language and aesthetics, a production coordination was developed so that the final product, audio description, could be performed.

Keywords: audio description, audiovisual production, cinematic language, sound language, accessibility.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 A Deficiência Visual	10
2.2 Acessibilidade	10
2.3 Audiodescrição	11
2.4 Legislação Brasileira	12
2.5 Estética e Linguagem Cinematográfica	13
3. A MELHOR VERSÃO DE MIM: ESTUDO DE CASO DE UMA AUDIODESCRIÇÃO	16
3.1 Prática da Audiodescrição	17
4. METODOLOGIA	18
4.2.1 Roteiro Audiodescritivo	21
4.2.3 Consultoria de Audiodescrição	23
4.2.4 Escolha do narrador Direção de Audiodescrição	25
4.2.5 Edição de Audiodescrição	27
4.2.6 Conversa com o diretor	29
4.2.6 Exibição do filme com o recurso de acessibilidade: audiodescrição	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
7. APÊNDICES	34
7.1 Link do produto: Audiodescrição para o curta-metragem A Melhor Versão de Mim	34
7.2 Roteiro de audiodescrição versão final	34
7.3 Diagrama do processo	41
7.4 Depoimento da equipe	42
7.5 Tabela de cursos	44
7.6 Ficha técnica de audiodescrição	45

LISTA DE ABREVIATURAS

AD Audiodescrição

ADs Audiodescrições

ANCINE Agência Nacional de Cinema

FAC Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LBI Lei Brasileira de Inclusão

PcD - Pessoa com Deficiência

PcDV Pessoa com Deficiência Visual

TAV - Tradução audiovisual

TCC Trabalho de conclusão de curso

UNB Universidade de Brasília

1.INTRODUÇÃO

A imagem cinematográfica é uma experiência social, desde os primórdios da história do cinema, ainda com os irmãos Lumière e seu cinematógrafo em (1895), que o cinema se propõe a ser uma atração para a coletividade, tendo em vista seu caráter técnico e posteriormente industrial. Com o avanço tecnológico da produção e difusão das imagens, estas também avançaram no simbolismo que demarcam na sociedade contemporânea, que é especialmente marcada pelos meios de comunicação de massa na era da reprodutibilidade técnica BENJAMIN (2013).

Em uma sociedade majoritariamente imagética, fruto do desenvolvimento tecnológico dos aparatos produtores e reprodutores de imagem — máquinas fotográficas, celulares, cinema, TV e internet —, o imaginário passou a ser produzido não apenas pelo mitos, cultos e rituais, como nas sociedades pré-tecnológicas, mas agora através do consumo de espetáculos e relações estéticas mediadas pela imagem MORIN (2005).

Sendo a imagem o signo da imagem contemporânea, por onde perpassa boa parte do processo de socialização de um indivíduo contemporâneo. As pessoas com deficiência visual têm sido historicamente sido postas à margem da produção e do consumo de bens de produtos culturais em geral, e de produtos audiovisuais em específico.

Nesse cenário, a acessibilidade audiovisual ao público com deficiência visual deve ser tomada, pelos profissionais do audiovisual, como algo inerente à profissão. Vale ressaltar que os produtos audiovisuais são fundamentais no exercício da cidadania plena, bem como no acesso à cultura, além de contribuir com a formação psicológica e subjetiva dos indivíduos.

É preciso, portanto, que os profissionais que realizam a acessibilidade de produtos audiovisuais dominem as questões estéticas e a linguagem cinematográfica (bem como de outros produtos audiovisuais) para que a experiência do usuário final seja a mais completa possível, sendo este, aliás, um dos critérios de qualificação profissional previsto no Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis, editado pelo Ministério da Cultura .

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Deficiência Visual

Segundo a revista Cadernos da TV Escola (2000) deficiência visual diz respeito a um amplo espectro de disfunções da capacidade visual. Dá-se o nome de visão subnormal ou baixa-visão, à alteração do pleno funcionamento do sentido da visão: algumas dessas alterações podem se manifestar como baixa acuidade visual, redução do campo de visão, sensibilidades aos contrastes, entre outros.

A visão é o sentido de maior importância na relação dos indivíduos com o mundo externo. Juntamente com a audição ela é capaz de levar ao cérebro informações dos demais órgãos de sentido (paladar, olfato e tato). É responsável pela assimilação e condensamento e organização do mundo exterior, de modo a trazer as primeiras relações de sentido, significado e significativa causa e efeito, GIL (2000).

A acessibilidade tem como intuito trazer maior autonomia e promover a inclusão das PcD para sua plena inserção na sociedade conforme as definições que se seguem.

2.2 Acessibilidade

A acessibilidade é, segundo o Decreto 5.296/04, art. 8º:

I - acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida;

III - tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social;

De acordo com o artigo 42, da mesma lei, as pessoa com deficiência têm direito à cultura, esporte, lazer e turismo em condições de igualdade com as demais pessoas. Para

tanto, os bens e serviços precisam estar adaptados de forma acessível para este público: a audiodescrição é uma destas formas de entregar bens e serviços de forma acessível.

A acessibilidade é, portanto, a possibilidade de que qualquer pessoa, com ou sem deficiência, acesse produtos, serviços e informações com segurança e autonomia. Para tanto é necessário eliminar as barreiras que possam haver no caminho da plenitude de acessibilidade. De acordo com a ABNT NBR 16452 existem 7 tipos de barreiras, podendo ser:

1. Arquitetônica: barreiras em espaços e prédios públicos e privados.
2. Atitudinal: barreiras culturais, preconceitos e estigmas.
3. Comunicacional: obstáculos na comunicação interpessoal
4. Metodológica: obstáculos nos métodos, técnicas e processos de trabalho.
5. Instrumental: barreiras nas ferramentas e instrumentos de trabalho.
6. Programática: obstáculos invisíveis existentes em legislações, normas e regulamentos.
7. Natural: barreiras e obstáculos da natureza.

2.3 Audiodescrição

O Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis do Ministério da Cultura, é um documento que contém parâmetros de acessibilidade: legendagem, libras e audiodescrição para as produções audiovisuais brasileiras. No que concerne ao vocabulário utilizado na audiodescrição, o Guia propõe que a linguagem utilizada na audiodescrição seja objetiva, simples, sucinta, porém vívida e imaginativa, levando em conta os aspectos da obra que está sendo audiodescrita para maior fruição por parte das pessoas que farão uso deste recurso. O Guia de Produções Acessíveis do Ministério da Cultura entende que:

A audiodescrição é uma modalidade de tradução audiovisual, de natureza intersemiótica, que visa tornar uma produção audiovisual acessível às pessoas com deficiência visual. Trata-se de uma locução adicional roteirizada que descreve as ações, a linguagem corporal, os estados emocionais, a ambientação, os figurinos e a caracterização dos personagens.

Segundo SILVA; FRANCO (2010), a audiodescrição consiste na transposição do signo visual para o signo sonoro através do uso das palavras, de forma a transmitir as informações do signo visual que não podem ser acessadas por pessoas com deficiência visual (cegas ou com baixa-visão).

Os itens obrigatórios em um roteiro de audiodescrição para produções audiovisuais precisam conter os seguintes elementos: 1) tempos iniciais e finais das inserções da AD; 2) as

unidades descritivas; 3) as deixas, ou seja, a última fala antes de entrar a AD; 4) as rubricas, que consistem nas instruções para a narração da AD. Os profissionais envolvidos na produção de uma audiodescrição são: 1) roteirista-audiodescritor; 2) consultor em AD (pessoa com deficiência visual qualificada para tal função) que vai realizar uma avaliação sobre o roteiro e se ele consegue transpor a narrativa cinematográfica/audiovisual da melhor maneira possível para as pessoas com deficiência visual; 3) narrador-audiodescritor; 4) editor de áudio.

Para este trabalho também realizei a função de diretora de narração e coordenadora de produção, tendo em vista o caráter de produção sonora que constitui uma audiodescrição, se assemelhando a outros tipos e produções audiovisuais.

Em muitos casos, há uma sobreposição de funções nas diferentes etapas da produção de AD, em que nem sempre o roteirista-audiodescritor será o narrador-audiodescritor. Portanto, os elementos obrigatórios são importantes para auxiliar na gravação da voz e dar à narração o tom adequado a cada unidade descritiva de acordo com o que está previsto no roteiro de AD. A narração das unidades descritivas, ou seja, cada uma das inserções de audiodescrição dentro de uma marcação de tempo, é colocada, preferencialmente, entre os diálogos e não deve interferir nos efeitos musicais e sonoros da obra. Pode ser, ligeiramente, adiantada ou atrasada em relação à cena para dar informações necessárias ao andamento da narrativa, desde que não antecipe fatos ou faça versões do que está previsto.

2.4 Legislação Brasileira

No Brasil, a inserção do recurso de Audiodescrição ainda é recente, a AD foi disponibilizada para uso público pela primeira vez no Festival Assim Vivemos: Festival Internacional sobre Deficiência. Apenas, em 2015, a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), Lei 13.146/15 entrou em vigor. Anteriormente a isso, em 2014, a Agência Brasileira de Cinema (ANCINE) publicou a Instrução Normativa nº 116 sobre a determinação da obrigatoriedade de recursos de acessibilidade em todas as obras audiovisuais brasileiras que contarem com recursos geridos pela agência. O Brasil assinou, em 2008, o DECRETO LEGISLATIVO Nº 186, no qual aprovou o texto da Convenção Sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência e seu protocolo facultativo.

2.5 Estética e Linguagem Cinematográfica

Segundo ALVES (2007) em seu texto *Formação ao Audiodescritor: A Estética Cinematográfica como base para o aprendizado da audiodescrição: Materiais, Métodos e Produtos*, a audiodescrição é um produto da observação do audiodescritor, ele será responsável por fazer a tradução de uma linguagem para outra, é preciso portanto ter seu olhar atento e minucioso para aspectos gerais e detalhados da obra. A alfabetização audiovisual é fundamental para esse profissional, porque como em outros tipos de tradução, como por exemplo, entre duas línguas, é necessário um domínio dos aspectos formais dos idiomas em questão.

O sistema de geração automática para roteiros de audiodescrição de CAMPOS; ARAÚJO; FILHO (2014) pode parecer bastante atraente dentro de um lógica industrial de produção de produtos audiovisuais acessíveis, pelo menos no que concerne à produção do roteiro, que como em outras produções audiovisuais, é a base para a produção de um produto final, a audiodescrição. No entanto, o CineAD, proposto por eles não leva em conta as sutilezas da linguagem cinematográfica, que já são bastante delicadas e subjetivas em se tratando de um público vidente, que dirá conseguirá traduzir corretamente essas percepções sensíveis para um público que não possui o sentido da visão para acessar estas informações.

A audiodescrição não é uma linguagem em si mesma. Dentro da cadeia produtiva do audiovisual não é um produto final, mas um complemento, um apêndice da linguagem original, o filme. Seu objetivo é facilitar o entendimento, a apreensão e a fruição por parte de um público específico, as PcDV.

O texto “Imagens que Ouvem: Guia de Audiodescrição”, demonstra como o conhecimento em linguagem cinematográfica deve dialogar com a técnicas de escrita de um roteiro de AD, tornando os conceitos presentes no Guia para Produções Acessíveis do Ministério da Cultura, um texto técnico e generalista, aproximando-se de visão mais próxima do fazer cinematográfico.

Segundo MOTTA (2010), a audiodescrição poética, que leva em conta a estética cinematográfica deve ser mais lenta, a ponto de não interferir na fruição; dessa forma a

estética própria dos filmes para audiodescrição não será ela mesma mais poética? o gênero do filme [...] uma narração neutra, que não leva em conta o tipo do filme, pode comprometer o seu fluxo. Por exemplo, uma narração neutra de um filme de ação pode destoar, enquanto dar um pouco de agilidade à narração pode corroborar para o significado. Da mesma forma, a narração mais pausada, com entonação melancólica, de uma cena dramática, pode contribuir para a dramaticidade.

Assim, percebo que a narração da AD deve estar pareada com o gênero e a estética do filme que está sendo audiodescrito, de modo a não conflitar no entendimento, nem na experiência estética da pessoa com deficiência visual. Um filme lento, com menos diálogos, por exemplo, terá mais espaços para descrições mais minuciosas, dos cenários, dos figurinos, da caracterização de personagens secundários, etc., de modo a preencher o vazio deixado pelo silêncio que não pode ser contemplado pelas pessoas com deficiência visual. Enquanto que um filme de ritmo acelerado, onde há muito barulho, ruídos e elementos sonoros, requer uma narração mais pontual, não tão detalhista, que não interrompa o ritmo frenético da narrativa.

A voz do narrador é outro elemento essencial, pois não pode conflitar com o tom da narrativa, a voz do narrador não é neutra, ele dá a entonação e as intenções narrativas contidas nas expressões emocionais do personagens ou em determinados eventos primordiais para o entendimento da narrativa, de modo a passar as nuances visuais que não podem ser compreendidas sem a audiodescrição.

O trabalho de edição também requer o conhecimento estético da obra, de modo a mesclar de maneira harmônica a audiodescrição ao filme. É preciso, ainda, desenvolver uma sensibilidade para a mixagem do recurso de acessibilidade ao filme. Por isso, acredito que a figura de um/a diretor/a de audiodescrição é fundamental para dar a coesão para todo o processo, já que, nem sempre, são os mesmos profissionais que realizam as diversas etapas.

As Notas Introdutórias são um recurso mais comumente utilizado no teatro, por se tratar de uma apresentação ao vivo, no entanto podem ser extremamente proveitosas para uma melhor fruição da Linguagem Cinematográfica em produtos audiovisuais. As notas introdutórias devem ser lidas antes do evento (aqui podemos entender filmes e produtos audiovisuais como eventos que possuem duração definida e tempo de execução fechado), de modo a explicar e dar um panorama geral da obra que se segue, com descrições que não seriam possível de serem inseridas no decorrer da obra, mas que fazem total diferença no

melhor entendimento da PcDV. Os itens obrigatórios de uma nota introdutória, são, de acordo com ABNT NBR 16452 (2016):

- a) descrição do ambiente e da localização de recursos e serviços disponíveis;
- b) detalhamento e complementação dos procedimentos de segurança para situações de emergência;
- c) breve explicação sobre o processo e a relevância da audiodescrição;
- d) créditos e patrocinadores;
- e) características físicas dos personagens, papéis que desempenham, vestimentas, quaisquer gestos ou maneirismos que usem repetidamente durante o evento;
- f) cenários;
- g) definição de estilos e terminologias usados na performance;
- h) descrição da audiência, bem como registro de presença de autoridades, pessoas famosas e conhecidas da comunidade.

3. A MELHOR VERSÃO DE MIM: ESTUDO DE CASO DE UMA AUDIODESCRIÇÃO

A escolha desse tema, a acessibilidade audiovisual, se deu pela minha convivência com o público de pessoas cegas e com baixa visão, que utilizam o espaço da Biblioteca Braille, em Taguatinga-DF¹. E ao estar mais perto daquelas pessoas, acabei por me interessar, ainda mais, pela questão da inclusão, porque pude observar de perto, o quanto o universo sonoro é fundamental na vida delas. Por isso, fiquei com um desejo de realizar algum trabalho nesse sentido. Afinal, entendo que a inclusão das pessoas com deficiência, em geral, e deficiência visual, em específico, ao universo das Artes e da Cultura podem expandir suas experiências sensíveis, com amplo espectro na participação da vida social e cultural. No entanto, vale, também, enfatizar que a decisão de realizar um trabalho de Audiodescrição, como meu TCC, se deu no dia em que assisti à apresentação do trabalho da ex-aluna da FAC - Gabriela Romano - sobre o seu TCC, que também foi orientado pela minha atual orientadora, profa. Rose May Carneiro, e consistia em um roteiro de audiodescrição para um curta-metragem de alunos da FAC (Cóclea).

Como estudante de audiovisual, sempre tive um especial apreço por produtos sonoros, como os *podcasts*², por exemplo. Produzi de maio a julho deste ano um Podcast com a temática do isolamento social na vida de artistas brasileiros, o Vida Reclusa. E de agosto a outubro de 2020 participei do curso de Tecnologia Social da Memória pelo Museu da Pessoa de São Paulo. Essas experiências me ajudaram a aprofundar meu interesse por contar histórias e socializar histórias coletivas e individuais, e a produção sonora me agrada como caminho possível para histórias de pessoas enxergantes e pessoas não enxergantes.

¹ <http://mapa.cultura.df.gov.br/espaco/id:32/>

² **Podcasting** é uma forma de publicação de arquivos multimídia (áudio, vídeo, foto, PPS, etc.) na Internet, e aos utilizadores acompanhar a sua atualização. O utilizador pode, assim, meramente acompanhar, ou até mesmo a **descarregar** automaticamente o conteúdo de um *podcast*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Podcasting>. Acessado em 14/09/2020 às 13:57

A Melhor Versão de Mim, de Kallyo Aquiles, pela singeleza e poética do filme, ao tratar as questões que perpassam a vida de um garoto que mora em um orfanato, de maneira delicada, me agradaram a ponto de eu decidir me dedicar em tornar esta obra acessível. Fiquei muito atraída pela temática e a estética do filme, que possui narrativa mais lenta, e um certo caráter intimista, intercalado com algumas cenas de musicais; o que me estimulou a desenvolver uma audiodescrição para esta obra.

3.1 Prática da Audiodescrição

Com o andamento da pesquisa teórica houve uma necessidade de um maior aprimoramento na prática da audiodescrição. Para tanto participei de vários cursos de formação, não apenas em audiodescrição, mas em acessibilidade comunicacional como um todo. Além disso, também ministrei oficinas para que pudesse engajar outras pessoas com a temática da acessibilidade audiovisual.

Os conhecimentos que adquiri nos cursos de audiodescrição e acessibilidade comunicacional me trouxeram conhecimentos técnicos e parâmetros de quais os itens fundamentais para uma boa audiodescrição e acessibilidade comunicacional, conforme constam nas tabelas 1 (página 43).

4. METODOLOGIA

Este trabalho de pesquisa de caráter qualitativo foi realizado a partir dos seguintes procedimentos metodológicos: 1) visionamento de filmes com audiodescrição; 2) análise fílmica do filme; 3) consultoria de audiodescrição; 4) direção e gravação de narração; 5) edição; 6) reflexão sobre o produto (a escrita deste memorial).

No primeiro momento assisti a diversos filmes que possuíam o recurso da AD, para que eu pudesse entender seu funcionamento em relação ao filme e, também, como era a dinâmica de composição entre a audiodescrição e o filme. Alguns destes filmes são: Audiodescrição do curta-metragem Último Clique (Produção de AD: Look by Sounds); "O outro Par" com audiodescrição - "The Other Pair" (Produção de AD: Roteiro: Wilma L. Kaus; Consultoria: Felipe Monteiro; Narração: Márcia Caspary); Perfeito - animação em curta-metragem com audiodescrição (Produção de AD: Radioativa Produtora); Audiodescrição | A Casa é Sua - Arnaldo Antunes | Videoclipe oficial (Produção de AD: Iguale Acessibilidade) ; Qual queijo você quer. (Produção de AD: Filmesquevoam); Eu não Quero Voltar Sozinho - Curta-metragem com AD (Produção de AD: não identificada); Deixe o Sol com Audiodescrição (Produção de AD: Laboratório de Audiodescrição em Obras Cinematográficas - Universidade Federal Fluminense); A Hora da Estrela [Audiodescrição] - (Produção de AD: Filmes Que Voam) e Amarcord (Produtora de AD não identificada).

Paralelamente a isso, participei do curso on-line de Introdução à Audiodescrição da produtora "Filmes que Voam" para entender o processo de produção de uma audiodescrição. Essas duas etapas foram o que apuraram minha percepção sobre como funciona a AD em relação ao filme, como as unidades descritivas em geral vêm logo antes das cenas, ou de maneira concomitante a elas, de modo que a pessoa com deficiência visual consiga acompanhar o encadeamento das ações que se desdobram no filme. Outro fator que observei foi como a tom de voz e o ritmo da narração de AD podem ser boas aliadas para a complementação do filme através da AD, ou podem ser totalmente desastrosas, quando por exemplo, a voz do narrador se sobressai em relação ao ambiente sonoro do filme.

A parte técnica também foi uma questão bastante evidente, como o volume da narração em relação ao som do filme.

E o roteiro, pude observar quando o texto das unidades descritivas se mostravam suficientes para o entendimento da PcDV, ou quando, de modo contrário, se mostravam aquém, como se faltasse algo, como nas AD dos filmes: *Qual Queijo Você Quer* e *Eu Não Quero Voltar Sozinho*, que por se tratarem de narrativas mais lentas, em que a ação é mais “parada”, há necessidade de preenchimento dos vários momentos de silêncio com descrições mais minuciosas para fazer a pessoa com deficiência visual adentrar mais a narrativa, o que não ocorreu, a sensação que dá é que falta algo. Em outros casos, é possível perceber o incômodo que para os videntes o excesso de descrições, muitas vezes desnecessários, e que cortam o ritmo do próprio filme, como por exemplo acontece na AD do filme *Amarcord* (Fellini), por se tratar de um filme italiano, onde os personagens já são bastante verborrágicos, e do volume da restauração do filme que já é baixo, a voz grave da narradora e o excesso de detalhamento minucioso tira toda a experiência de imersão do filme através da AD.

4.1 ANÁLISE FÍLMICA

A etapa de análise fílmica é fundamental para produção de uma audiodescrição de qualidade. Sendo a audiodescrição uma tradução intersemiótica, onde há a tradução de uma linguagem para outra: a transposição do código audiovisual (imagem + som) para o puramente sonoro, é primordial o domínio da linguagem original que vai ser traduzida, no caso, a linguagem cinematográfica. É evidente que neste processo haverá inevitáveis perdas, já que é impossível descrever todos os objetos que são vistos na tela, além das expressões emocionais de todos os personagens. É um processo de escolha que precisa ser bastante cuidadoso para que a audiodescrição possa dialogar com o filme.

Segundo Penafria (2009), analisar um filme significa decompô-lo em pequenas partes, destrinchá-lo, examiná-lo, para depois estabelecer a conexão entre as partes, de forma a tomar seu sentido por inteiro. Portanto, esta etapa ajuda o roteirista-audiodescritor a assimilar o sentido do filme, suas nuances, e perceber o que pode ou não ser descrito, o que é relevante ou não.

Posto isso, assisti ao curta-metragem *A Melhor Versão de Mim*, inúmeras vezes, antes de realizar o primeiro esboço de roteiro de AD. À medida que revia o filme e avançava no curso de *Introdução à Audiodescrição*, conseguia realizar melhor a etapa de análise fílmica, de modo a perceber os aspectos importantes para serem descritos que não constavam nas entrelinhas e nos diálogos do filme; aspectos primordialmente imagéticos que eram determinantes para a narrativa.

A análise fílmica se seguindo à etapa de visionamento dos filmes e no decorrer do meu avanço no curso de *Introdução à Audiodescrição (Filmes Que Voam)*, me trouxe essas percepções minuciosas da obra que eu estava trabalhando: o curta musical *A Melhor Versão de Mim*: por se tratar de uma narrativa dramática intercalada por momentos musicais, eu percebi que em vários momentos os próprios diálogos do filme já descreviam o suficiente as questões internas dos personagens, o que se dá principalmente nos diálogos entre o protagonista Lucas e Marina. Dessa forma evitei descrever excessivamente estados de espírito, e coloquei o foco da descrição em elementos externos, como a ambientação e figurino dos personagens, conforme indica JIMENES apud ALVES (2007).

4.2.1 Roteiro Audiodescritivo

Após realizar a primeira versão do roteiro de AD, ainda no Word, comecei a me familiarizar com o *software* Workshop Subtitle, que, à princípio, se destina à legendagem, mas funcionou muito bem para que pudesse fazer uma versão do roteiro com a minutagem precisa, de cada unidade descritiva, que entraria nos momentos de silêncio do filme.

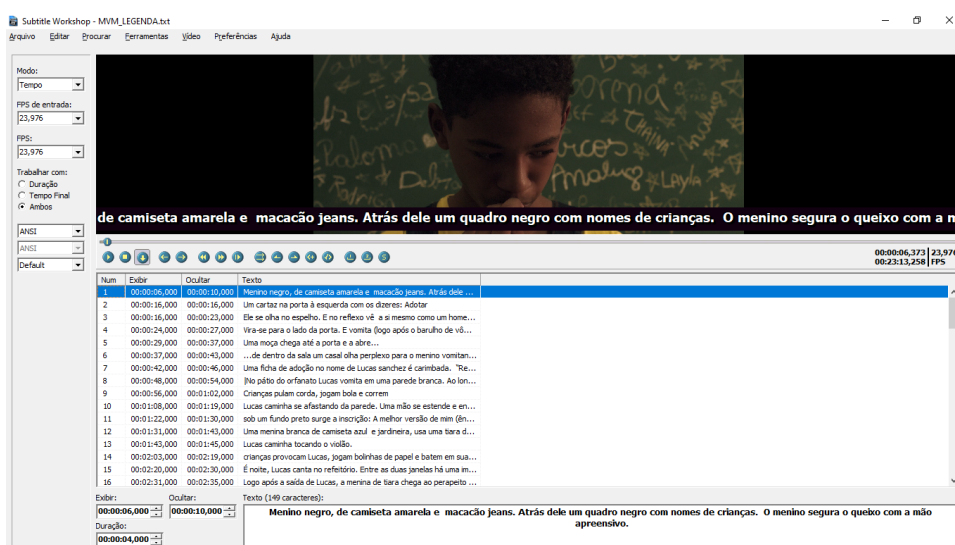


Figura. 1 - Software subtitle 2.51- software de legendagem que permite visualização do filme *frame*³ a *frame*.

Segundo Paya apud TELES (2014), é necessário uma categorização dos elementos cinematográficos e sua função dentro da narrativa da obra, de modo que o processo de roteirização de AD tenha relação com os elementos correspondentes na obra original, o filme. Afinal, a audiodescrição é uma tradução intersemiótica, e portanto, estabelece um diálogo convergente entre duas linguagens distintas, a narrativa fílmica com o texto audiodescritivo, que, juntos, formarão a audiodescrição sonora, a transposição em áudio.

³ Quadro, frame ou fotograma. São palavras usadas para indicar cada imagem que compõe um registro audiovisual.(...) um filme é composto por uma série de imagens estáticas em sequência que, ao serem projetadas numa velocidade determinada – convencionalmente, 24 imagens por segundo, mas há outros padrões – causam a ilusão de movimento. Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/oficinas/etapa-1-unidade-s-basicas-da-linguagem-audiovisual/. Acessado às 19h30 em 06/12/2020

ETIQUETAS DE LINGUAGEM FÍLMICA	FUNÇÕES	CORRESPONDÊNCIAS OBSERVADA NA AD
- Enquadramento - Tipos de plano - Planos estáticos - Plano geral	- descrever	- Lugar - Coesão com a cena ou sequência anterior
- Plano aberto - Plano médio	- analisar	- Linguagem corporal - Expressão facial - Olhares - Psicologia
- Plano de detalhe	- assinalar	- Evidência do dispositivo cinematográfico - Verbos de movimento - Conjunções de lugar - Verbos de percepção
- Sequência - Transições - Dissolvimentos Fade-in Fade-out	- Sequência - Transições - Dissolvimentos: Fade-in Fade-out	- Conectivos temporais - Conectivos espaciais - Evidência do dispositivo cinematográfico
- Plano e contraplano - Montagem alternada - Montagem paralela - Flashbacks	- narrar - associar - contrapor	- Conectivos temporais - Conectivos espaciais - Verbos de cognição, etc

Fonte: Adaptado de Payá, In. Jiménez Hurtado et al., 2010. In: TELES, Vervanne Couto.

AUDIODESCRIÇÃO DO FILME A MULHER INVISÍVEL: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO À LUZ DA ESTÉTICA CINEMATOGRAFICA E DA SEMIÓTICA. (2014)

Figura 2 - Categorização dos elementos da Linguagem Cinematográfica e seu correspondes em AD.

4.2.3 Consultoria de Audiodescrição

Dá-se o nome de consultoria em audiodescrição para o processo no qual o roteiro de AD é submetido a um profissional com deficiência visual que vai avaliar as qualidades técnicas e de adequação do produto, a audiodescrição, para o público com deficiência visual. De acordo com ADERALDO et al (2016), algumas habilidades são necessárias para a qualidade do trabalho do consultor: bom domínio da língua, amplo vocabulário, sensibilidade e conhecimento estético na linguagem para a qual vai prestar consultoria, no caso a linguagem cinematográfica. O consultor deve realizar cursos que aprimorem seu senso estético na linguagem cinematográfica, gostar de assistir filmes e outros produtos audiovisuais, conhecimento em narrativa, etc.

Para a realização deste trabalho, contei com a colaboração de duas consultoras em roteiro de audiodescrição. A primeira foi feita por Patrícia Tavares, mestranda em Estudos de Tradução, pela Universidade de Brasília. Ela me orientou quanto aos aspectos linguísticos e à estrutura do roteiro de AD, uma vez que era a minha primeira experiência na produção de um roteiro de audiodescrição para Cinema. Enviei a ela minha primeira versão do roteiro, ainda bem crua, baseada, apenas, nas minhas leituras, na análise fílmica e no pré-roteiro de AD que havia realizado. Não é de praxe a participação de um/a consultor/a no processo de elaboração do roteiro de AD. No entanto, me senti mais confortável com o olhar de uma profissional, que já está no mercado, e por ela já ter realizado essa atividade inúmeras vezes. A Patrícia é vidente, mas já está inserida em trabalhos de acessibilidade desenvolvidos no curso de Letras da UnB, o Acesso Livre.

A segunda consultoria que tive foi realizada por Viviane Queiroz, estudante de Letras e consultora em AD. Ela me deu uma análise do ponto de vista linguístico e da percepção dos usuários da audiodescrição: a pessoa com deficiência visual. A Viviane já está engajada com a temática da acessibilidade em seu próprio processo de formação superior: dentro da Universidade de Brasília, no curso de Letras, ela participou do grupo de pesquisa Acesso

Livre, que trabalha na formação de estudantes para acessibilidade cultural, já desenvolveram audiodescrições para filmes e exposições de artes visuais.

Essas duas consultorias me ajudaram a perceber as mudanças que eu precisava fazer no roteiro para que ele chegasse ao fim esperado: elaborar, da melhor maneira possível, a produção do recurso de acessibilidade da audiodescrição.

O roteiro de AD, assim como um roteiro cinematográfico, é a base para a produção de um produto, no caso, uma audiodescrição. Desta forma, ele é o primeiro vislumbre do que será o produto final. Ele precisa ser o mais técnico possível para que qualquer profissional que o tenha em mãos seja capaz de se situar sobre os elementos que serão contidos na audiodescrição e, também, como será feita a montagem; o encaixe da audiodescrição no filme.

4.2.4 Escolha do narrador | Direção de Audiodescrição

A narração de audiodescrição está inserida sob um guarda-chuva maior da atuação dos profissionais de locução. O “locutor em geral” é o profissional habilitado para locução de acontecimentos em geral, o que não é o caso da audiodescrição. Segundo Aderaldo et al (2016), ao relacionar a locução com a audiodescrição, os locutores audiodescritores, ou narradores-audiodescritores necessitarão de maior treinamento da capacidade vocal e expressividade.

A próxima etapa foi a escolha do narrador e a direção de narração, baseado no roteiro de AD. A escolha do narrador se deu por eu ter preferido uma voz masculina para a narração da audiodescrição, por acreditar ser mais compatível com a narrativa do protagonista Lucas do curta-metragem A Melhor Versão de Mim.

Eu já conhecia o trabalho do narrador Gabriel Lopes, por ele já ter feito a narração da audiodescrição do trabalho da Gabriela Romano, a audiodescrição do curta-metragem Cóclea. Por isso, apresentei o filme ao Gabriel, que o assistiu e leu o roteiro de AD e, após isso, discutimos como seria todo o processo de narração. Inicialmente, a ideia era gravarmos no estúdio de rádio da Faculdade de Comunicação. Ele faria a narração e eu o dirigiria. No entanto, não foi possível devido ao isolamento social imposto pela Covid-19. Dessa forma, tivemos que adaptar o processo.

Sendo assim, nos reunimos, virtualmente, para um ensaio no mês de agosto. A partir desse encontro, fiz novas adaptações no roteiro de AD; uma vez que a presença dele lendo, ao vivo, o texto das unidades descritivas, me fez perceber como algumas frases e tempos do roteiro estavam incompatíveis. Afinal, a leitura do roteiro de AD, pelo narrador, faz toda a diferença na naturalidade das descrições, porque fica evidente como algumas frases e termos caem na fala do narrador de maneira natural ou não.

Depois dos ajustes que fiz novamente no roteiro de AD, me reuni com o Gabriel na noite de 19 de setembro para gravarmos a narração da audiodescrição. O *software* de videoconferência utilizado foi o *Skype*, de modo que foi gravado o processo de narração feito, remotamente, pelo Gabriel.

Por sua vez, o Gabriel, através do compartilhamento de tela, exibiu o *software Workshop Subtitle*, onde era possível ver o vídeo do filme e o roteiro de AD, na forma de legendas. Ele estava com um microfone que capturou sua narração em áudio e eu gravei o vídeo da nossa interação. Eu o dirigia, fazendo interferências na intenção e no modo como lia, cada uma das unidades descritivas.

Optei por não exibir o filme, simultaneamente, junto às unidades descritivas, de modo a tornar a narração do Gabriel mais fluída.

No momento em que eu dirigia a narração do Gabriel, percebemos algumas inadequações de termos ou frases, como a repetição excessiva do nome dos personagens. Percebi também como a repetição dos artigos definidos (o,a) e os artigos indefinidos (uma, um) tornavam repetitiva e enfadonha a narração de alguns trechos. Percebi a necessidade de nomear o protagonista Lucas e Marina sempre que eles aparecem de modo a evidenciar suas ações. Também ficou evidente como o tom de voz do narrador deveria não ser “neutro” para evitar que a narração tivesse efeito de leitura, mas ao invés disso a pontuação de intenções de algumas unidades descritivas como falar mais pausadamente ou mais rápido (efeito que foi utilizado na narração dos créditos, por exemplo).

Em 16 de outubro, realizei a segunda direção de narração com o narrador Gabriel Lopes. Nesta segunda narração, foram incluídas as unidades descritivas que não constavam na primeira narração, e, após a audição da primeira versão da edição, ficaram evidentes.

A segunda gravação com o narrador aconteceu, de maneira bem mais rápida, por se tratar de trechos pontuais, como também pela interação já estabelecida entre a diretora (eu) e o narrador (Gabriel Lopes), e por já estar familiarizados com os processos de gravação à distância.

A escolha por uma voz masculina de tom grave como a do narrador, Gabriel Lopes, trouxe um contraste extremamente rico para a narração, já que a voz do narrador dava um tom sóbrio e ao mesmo tempo sereno para as descrições da história do protagonista Lucas. Além disso, o fato de eu ter feito um ensaio, uma gravação prévia seguida de um visionamento da primeira edição, e por último uma gravação final seguida de um outro visionamento da edição final deu uma perspectiva mais real de como o produto seria. Uma vez que o roteiro é apenas um primeiro direcionamento.

4.2.5 Edição de Audiodescrição

A edição em produtos audiovisuais é um processo no qual um material bruto (gravação original de áudio e/ou vídeo) recebe um tratamento (corte, montagem, efeitos), de modo a alterar sua composição narrativa. A edição é composta por um série de ajustes para que o produto final tenha um acabamento fino.

A escolha da editora de áudio se deu muito pelo fato de já conhecê-la do curso de Audiovisual da UnB, e por que ter uma preferência por profissionais que já tivessem conhecimento técnico e estético da Linguagem Audiovisual. Isso, na minha percepção favorece o entendimento dos processos, uma vez que já dominamos uma linguagem comum, e também sensibilizar estes profissionais para outros possíveis trabalhos na área de acessibilidade audiovisual.

Em setembro de 2020, tive minha primeira reunião (através de videoconferência) com a editora Juliana do Vale para apresentar para ela os materiais (o filme, o *software* de legendagem e o áudio da narração), de modo a possibilitar a troca no processo de edição. Nesse momento, percebi que, provavelmente, teria que adiantar a reunião com o diretor do filme, antes da finalização da produção da audiodescrição, de modo que a conversa com ele pudesse me orientar sobre algumas escolhas na audiodescrição, como, por exemplo, se alguns trecho dos filmes necessitariam ter o som abaixado ou se ele preferiria um arquivo de áudio separado ou mixado junto ao filme.

No dia 30 de setembro de 2020, tive a segunda reunião, por videoconferência, com a editora Juliana do Vale. Alguns processos foram reformulados, como o fato de que decidimos que não seria mais necessário que ela utilizasse o *Workshop Subtitle* para a realização da edição. Ao invés disso, ela apenas se baseou no arquivo de áudio com a gravação da audiodescrição pelo narrador e iria editar uma primeira versão da audiodescrição. Ela me solicitou um novo roteiro de ajuste da edição onde eu incluiria o cabeçalho das cenas audiodescritas, com a minutagem de cada uma, conforme ficou decidido na reunião anterior.

Eu re-elaborei um novo roteiro de edição, com essas especificações, para que a editora pudesse continuar o trabalho de edição.

No dia 08 de outubro, assisti ao filme, apenas através da primeira versão da audiodescrição, para perceber as nuances e o encaixe do arquivo de áudio da audiodescrição

sobreposto ao filme original. Após essa audição, ficou mais claro algumas alterações a serem feitas, como, por exemplo, a necessidade de acrescentar mais elementos à ficha técnica.

A percepção estética da editora Juliana do Vale, me ajudou inclusive a perceber momentos em que faltavam unidades descritivas para aprimorar a audiodescrição, bem como os ajustes de altura da AD em relação ao ambiente sonoro original do filme.

4.2.6 Conversa com o diretor

Como o recurso de acessibilidade da audiodescrição ainda não é tão comum nos filmes brasileiros, e também como os poucos filmes que possuem este recurso, ele é feito em uma etapa posterior e muito distante do processo de produção do filme, não há relatos de conversas e de algum tipo de interferência das/os diretoras/es no processo de produção de recursos acessíveis, como é o caso da audiodescrição.

No entanto, entendendo a produção do meu TCC como um processo autoformativo e de conscientização para esta temática no meio acadêmico de produção cinematográfica universitária e independente, considerei necessário fazer a ponte com os produtores do filmes sobre as questões técnicas e de linguagem que envolvem a produção de um audiodescrição.

Por esta razão, no dia 12 de outubro me reuni com o diretor do curta-metragem, Kallyo Aquiles, para conversarmos sobre as percepções que ele teve sobre meu trabalho de audiodescrição. A partir desta conversa, identifiquei outros pontos de adaptações para a versão final da audiodescrição.

O diretor se mostrou bastante satisfeito com o resultado do trabalho e ficou combinado que ele iria disponibilizar o filme no *YouTube* assim que a versão acessível estiver pronta.

Realizadores em geral ainda não possuem experiência na produção de acessibilidade audiovisual dos seus filmes, bem como não conhecem a realidade do público de PcDV. Percebo que o diálogo com os realizadores os sensibiliza e cria novos horizontes e possibilidades de fazer audiovisual já levando em conta a questão da acessibilidades desde o momento da produção do filme, como coloca ROMANO (2018). Essa troca tende a aprimorar o processo, e aproximar as PcDV do universo do cinema.

4.2.6 Exibição do filme com o recurso de acessibilidade: audiodescrição

Ressalto que a participação do público de PcDV no processo de aprimoramento e difusão da AD como recurso de acessibilidade é extremamente importante.

Devido ao isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19, não foi possível a exibição pública do filme com audiodescrição para a apreciação do público, em geral. Conforme ficou decidido com o diretor, o filme com a versão acessível estará disponível, ainda sem data marcada, assim que o meu trabalho de conclusão de curso chegar ao fim e o diretor tiver acesso à versão final da audiodescrição.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de audiodescrição necessita de etapas bem definidas e uma coordenação de produção de modo a torná-la um produto coerente com a obra original e atraente para o público em geral e para as pessoas com deficiência visual, de maneira específica. É necessário uma estrutura mínima de equipamentos básicos (microfone, computador, *software* de legendagem, *software* de edição) e uma equipe, minimamente, qualificada para as funções. Por isso, a figura de uma diretora/coordenadora de produção se torna tão necessária.

A produção de uma AD é um trabalho, primordialmente, de equipe, mesmo que um profissional execute mais de uma função, não é possível a realização individual deste serviço de acessibilidade. Além disso, o diálogo para com o público é fundamental. Tal qual outro produto cultural, a audiodescrição deve dialogar com seus espectadores, precisa ser expandida. A disseminação de produtos com audiodescrição precisa, ainda, trazer para mais perto as pessoas com deficiência visual, de modo que elas se acostumem e tomem posse do direito à comunicação e à cultura acessíveis. Já que a cultura é um direito constitucional de todos os brasileiros, um direito humano, e o acesso à produtos culturais acessíveis, portanto deve levar em conta as particularidades de cada um de forma sensível, profissional e de maneira empática e acolhedora.

O diálogo com o diretor do filme fez com que ele entendesse a importância de recursos de acessibilidade em seus filmes e também promoveu uma parceria que trará ganhos para todos: para a produção da audiodescrição que terá visibilidade através da divulgação do filme, com versão acessível pelo diretor; do diretor que trouxe um elemento a mais que agrega valor e público ao seu produto; e para o público das pessoas com deficiência visual que puderam ter acesso a mais um produto acessível.

A realização deste trabalho me trouxe a experiência de entender todas as etapas e processos envolvidos na produção de um produto sonoro, a audiodescrição. Me fez entender que esse trabalho também é segmentado, como os produtos audiovisuais, que necessitam de diversas etapas e profissionais envolvidos, e que uma coordenação de produção, uma supervisão de realização é fundamental para a realização de um produto melhor acabado.

Além disso, o diálogo com o cineasta, diretor ou realizador do filme faz toda a diferença na produção, no resultado final do produto acessível que é a audiodescrição.

Percebo, na área de produção de produtos audiovisuais acessíveis, uma excelente oportunidade de trabalho, uma vez que o processo de produção e distribuição é bastante semelhante com a própria produção audiovisual de filmes e séries, por exemplo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADERALDO, Marisa Ferreira et al (Org.). **Pesquisas teóricas e aplicadas em audiodescrição**. Natal: EDUFRN, 2016. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/comacesso/wp-content/uploads/2019/01/Pesquisas-Teo%CC%81ricas-e-Aplicadas-em-Audiodescri%CC%A7a%CC%83o.pdf>. Acessado às 17h em 23/12/2020.

ALVES, Soraya F., GONÇALVES, Karine N., PEREIRA, Tomás V. **A estética cinematográfica como base para o desenvolvimento de uma estética de audiodescrição para a mídia e para a formação do audiodescritor**. In Revista Tradução e Comunicação. N. 27. São Paulo: Anhanguera, 2013. pp. 139-161. Disponível em <http://sare.anhanguera.com/index.php/rtcom/article/view/7877>

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: LPM, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância. **Cadernos da TV Escola. Deficiência Visual**. Nº1/2000. Marta Gil (org).

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

BRASIL. Ministério das Comunicações. Portaria 310, de 27 de junho de 2006. Aprova a Norma nº 001/2006 - **Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão**. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, n.122, 28 jun. 2006. Seção 1, p. 34.

BRASIL. **INSTRUÇÃO NORMATIVA nº. 128**, de 13 de setembro de 2016. ANCINE. Dispõe sobre as normas gerais e critérios básicos de acessibilidade visual e auditiva a serem observados nos segmentos de distribuição e exibição cinematográfica.

BRASIL. **Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis**. 2016. Ministério da Cultura e Secretaria do Audiovisual. Disponível em: <https://inclusao.ena.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Guia-para-Producoes-Audiovisuais-Acessiveis-com-audiodescricao-das-imagens-1.pdf>

BRASILEIRA, Norma. ABNT NBR 16452. **Acessibilidade na comunicação — Audiodescrição**. Rio de Janeiro: ABNT: 2016.

CARPES, Daiana Stockey (org). **Audiodescrição - Práticas e Reflexões**. Cruz do Sul: Editora Catarse, 2016, 1ª Ed. Disponível em: <http://editoracatarse.com.br/site/wp-content/uploads/2016/02/Audiodescri%C3%A7%C3%A3o-pr%C3%A1ticas-e-reflex%C3%B5es.pdf>. Acessado em 25/11/2020 às 11h00.

DAVID, Jéssica; HAUTEQUEST, Felipe; KASTRUP, Virginia. **Audiodescrição de filmes: experiência, objetividade e acessibilidade cultural.** Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4884/4725>.

GDF. **Mapa nas Nuvens:** Biblioteca Pública Braille Dorina Nowill. Disponível em: <http://mapa.cultura.df.gov.br/espaco/id:32/>. Acessado em 26/10/2020 às 21h00

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

MORIN, Edgar. **Introdução Ao Pensamento Complexo.** Trad: Eliane Lisboa. 5ª ed. Porto Alegre: Editora Meridional/Sulina, 2005.

NEVES, J. **Guia de audiodescrição imagens que se ouvem.** 1ª edição. Lisboa: INR, IP; Leiria: IPLeiria. Capítulo 10 – Brev(íssima) história da audiodescrição em Portugal, 2011.

QUEIROGA, Jorge. **GUIA DE AUDIO-DESCRIÇÃO: Atrás das Nuvens - Um filme** Jorge de Queiroga. Setembro de 2009.

ROMANO, Gabriela Souza de Melo. **Acessibilidade no cinema:** inserção do cineasta na produção de audiodescrições. Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

TELES, Veryanne Couto. **AUDIODESCRIÇÃO DO FILME A MULHER INVISÍVEL: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO À LUZ DA ESTÉTICA CINEMATOGRAFICA E DA SEMIÓTICA.** Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

7. APÊNDICES

7.1 Link do produto: Audiodescrição para o curta-metragem A Melhor Versão de Mim
(https://drive.google.com/file/d/1DP-d0ys_5hkb2QAPk4aLVw49x2Ju8yWy/view)

7.2 Roteiro de audiodescrição versão final

A Melhor Versão de Mim

	TIME CODE IN: OUT:	DESCRIÇÃO
1	IN: 00:00:04 OUT: 00:00:05	Tela Preta
2	IN: 00:00:06,1 OUT: 00:00:10,2	menino negro, de camiseta amarela sobre macacão jeans, atrás dele um quadro escrito a giz com nomes de crianças, o menino segura o queixo com a mão
3	IN: 00:00:16,1 OUT: 00:00:17,2	um cartaz colado na porta à esquerda do menino com os dizeres: Adotar
4	IN: 00:00:18,1 OUT: 00:00:25,2	Ele se olha no espelho e no reflexo vê um homem adulto
5	IN: 00:00:26,1 OUT: 00:00:29,2	vira-se para o lado da porta, abaixa cabeça e vomita
6	IN: 00:00:31,1 OUT: 00:00:37,2	Suzane de camiseta rosa e calça azul chega até a porta e a abre
7	IN: 00:00:41,1 OUT: 00:00:43,2	de dentro da sala um casal vê o menino vomitando
8	IN: 00:00:44,1 OUT: 00:00:46,2	uma ficha de adoção no nome de Lucas sanchez, é carimbada "reprovado".
9	IN: 00:00:48,1 OUT: 00:00:56,2	No pátio do orfanato Lucas vomita em uma parede branca.
10	IN: 00:01:02,1 OUT: 00:01:04,2	crianças pulam corda, jogam bola e correm
11	IN: 00:01:11,1	uma mão se estende e entrega um violão para Lucas

	OUT: 00:01:19,2	
12	IN: 00:01:22,1 OUT: 00:01:32,2	sob um fundo preto surge a inscrição: A melhor versão de mim
13	IN: 00:01:33,1 OUT: 00:01:43,2	uma menina branca vestida de camiseta azul celeste e jardineira, usa uma tiara de flores em seu longos cabelos, ela está sentada em uma carteira escolar e desenha com lápis de cor em um caderno
14	IN: 00:01:45,1 OUT: 00:01:53,2	crianças provocam Lucas, jogam bolinhas de papel e batem em sua cabeça
15	IN: 00:02:20,1 OUT: 00:02:32,2	é noite, lucas canta no refeitório, entre as duas janelas há uma imagem de uma santa
16	IN: 00:02:33,1= OUT: 00:02:37,2=	a menina de tiara aparece no perapeito do refeitório logo após a saída de Lucas
17	IN: 00:02:41,1= OUT: 00:02:55,2=	lucas caminha com um prato, talheres e uma caneca nas mãos enquanto canta
18	IN: 00:03:05,1 OUT: 00:03:16,2	A menina com tiara está parada em frente à janela no refeitório , lucas põe copo e prato na mesa e se dirige a ela
19	IN: 00:03:16,1 OUT: 00:03:19,2	Ela se vira para Lucas
20	IN: 00:03:41,1 OUT: 00:03:41,2	Ela aponta pro céu
21	IN: 00:03:47,1 OUT: 00:03:48,2	entre eles há a imagem da santa
22	IN: 00:03:57,1 OUT: 00:03:59,2	Lucas vira-se para vomitar
23	IN: 00:04:01, OUT: 00:04:43,	Sentados no chão desenhado de giz, a menina e Lucas conversam.
24	IN: 00:04:15	Lucas torce a boca.

	OUT: 00:04:16	
25	IN: 00:04:47,1 OUT: 00:04:56,2	Suzane de pé os surpreende.
26	IN: 00:04:56,1 OUT: 00:05:01,2	Suzane joga um saco no chão para Lucas
27	IN: 00:05:10,1 OUT: 00:05:11,2	Susane passa entre a Marina e Lucas
28	IN: 00:05:16,1 OUT: 00:05:23,2	Suzane puxa o cabelo de um menina e joga uma sacola do chão
29	IN: 00:05:23,1 OUT: 00:05:24,2	a menina pega do chão o saco jogado por Suzane
30	IN: 00:05:28,1 OUT: 00:05:32,2	crianças ficam olhando Suzane sair raivosa
31	IN: 00:05:37,1 OUT: 00:05:39,2	Suzane mostra o dedo do meio
32	IN: 00:05:46,1 OUT: 00:05:48,2	Marina e Lucas almoçam no refeitório
33	IN: 00:05:57,1 OUT: 00:06:01,2	há um cartaz com a inscrição “a melhor versão de mim”, Lucas faz uma apresentação em cartazes
34	IN: 00:06:10,1 OUT: 00:06:12,2	Lucas faz aspas com as mãos
35	IN: 00:06:30,1 OUT: 00:06:34,2	Sentada no chão do quarto, Marina olha atentamente para Lucas.
36	IN: 00:06:58,1 OUT: 00:07:05,2	sentados num colchão vermelho lucas tira o lençol que cobria seus objetos, ele e Marina estão sentados num colchão vermelho
37	IN: 00:07:27,1 OUT: 00:07:31,2	Sentados num colchão vermelho lucas tira o lençol que cobria seus objetos, ele e Marina estão sentados num colchão vermelho.
38	IN: 00:07:35,1 OUT: 00:07:36,2	Lucas pega o violão, é noite uma luminária ilumina o quarto.
39	IN: 00:08:06,1 OUT: 00:08:07,2	Marina pega um diário.

40	IN: 00:08:16,1 OUT: 00:08:19,2	Marina lê o diário.
41	IN: OUT:	Lucas e Marina estão sentados no chão desenhando. Crianças derramam água em seus desenhos.
42	IN: 00:08:39,1 OUT: 00:08:45,2	Crianças em fila caminham para a janela da cantina, eles estendem o prato para que a comida seja servida
43	IN: 00:08:54,1 OUT: 00:08:57,2	Lucas e Marina estão deitados na grama
44	IN: 00:10:14,1 OUT: 00:10:15,2	Lucas e a menina se despedem na porta do quarto, está escuro, podemos ver apenas suas sombras na penumbra
45	IN: 00:10:15,1 OUT: 00:10:23,2	Marina entrega o diário para Lucas.
46	IN: 00:10:49,1 OUT: 00:10:54,2	Lucas está dormindo com o diário aberto sobre o peito.
47	IN: 00:11:02,1 OUT: 00:11:03,2	Suzane segura a Marina pelo braço e a sacode.
48	IN: 00:11:03,1 OUT: 00:11:19,2	a imagem da santa é iluminada por velas
49	IN: 00:11:19,1 OUT: 00:12:00,2	Suzane vai embora
50	IN: 00:12:15,1 OUT: 00:12:16,2=	Lucas está sentado em uma cadeira de escritório, vestido com uma camisa amarela.
51	IN: 00:12:21,1 OUT: 00:12:22,2	mesa cheia de comprimidos de remédio e balas coloridos
52	IN: 00:12:27,1 OUT: 00:12:36,2	Um casal de mulheres vestidas de camisa e blazer estão sentadas de frente a Lucas, elas se entreolham.
53	IN: 00:12:37,1 OUT: 00:12:39,2	Lucas é adulto
54	IN: 00:12:41,1 OUT: 00:12:44,2	A ficha de lucas é carimbada com a inscrição “reprovado”
55	IN: 00:12:57,1 OUT: 00:13:01,2	Do pátio Lucas vê Marina sentada na grama ao longe
56	IN: 00:13:01,1 OUT: 00:13:05,2	Lucas caminha até ela

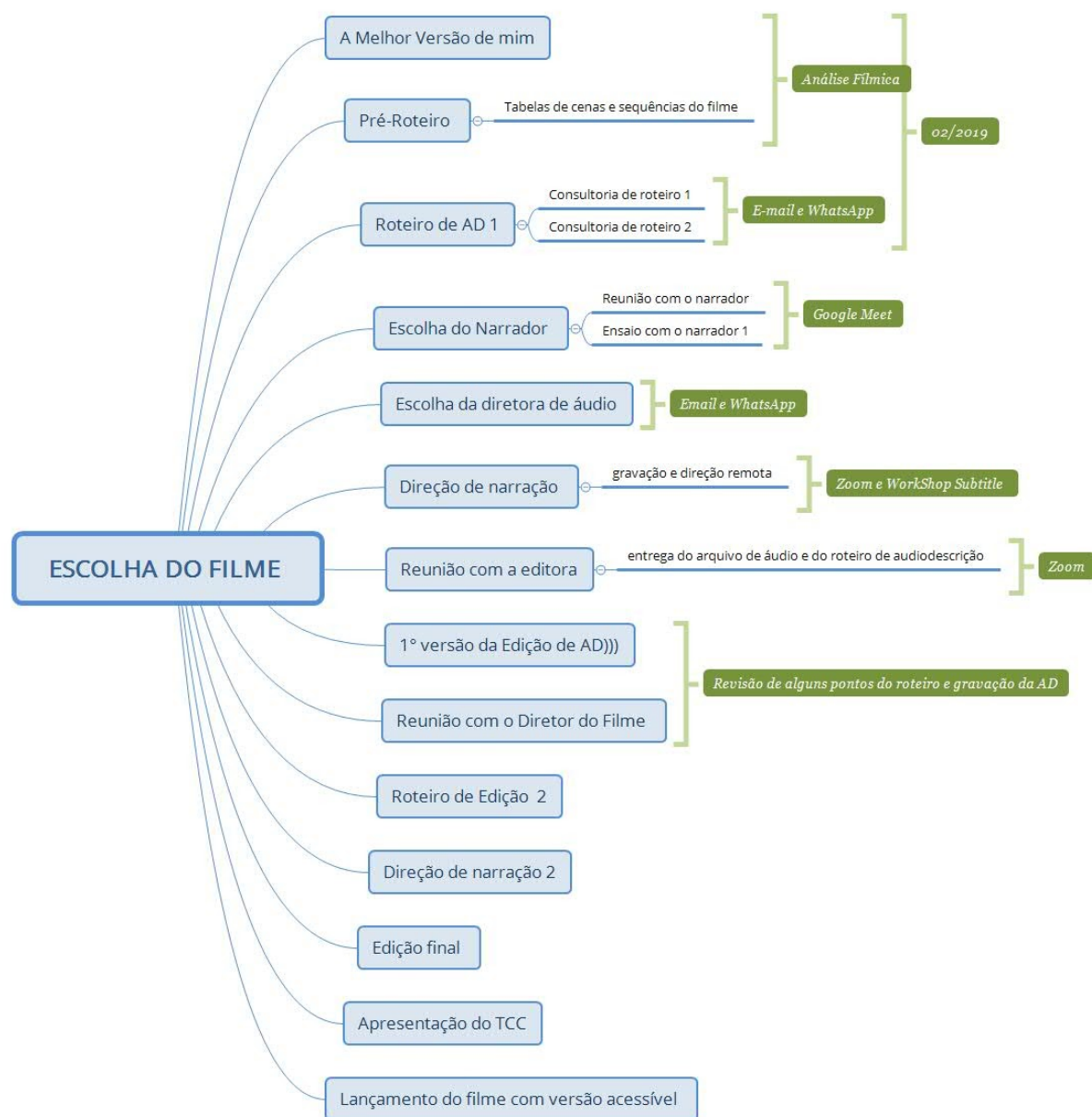
57	IN: 00:13:08,1 OUT: 00:13:09,2	Ele se senta na grama ao lado de Marina.
57	IN: 00:13:09,1 OUT:	um casal à frente da estrada, o homem chama por Marina, - Mariana se levanta e se despede de lucas o abraçando
	IN: 00:13:09,2 OUT: 00:13:47,2	Marina vai andando
58	IN: 00:13:47,1 OUT: 00:14:06,2	Marina vira para a frente e vai embora
59	IN: 00:14:09,1 OUT: 00:14:14,2	Lucas sente ânsia de vômito, mas não vomita
60	IN: 00:14:18,1 OUT: 00:14:24,2	Lucas observa marina ir embora
61	IN: 00:14:24,1 OUT: 00:14:33,2	é dia, lucas come sozinho na mesa do refeitório, a luz do sol entra pelas janelas
62	IN: 00:14:33,1 OUT: 00:14:37,2	Lucas se deita sozinho na grama, o lado de marina está vazio
63	IN: 00:14:42,1 OUT: 00:14:53,2	O dormitório está escuro, com todas as luzes apagadas, Lucas acende a luzes do dormitório.
64	IN: 00:14:53,1 OUT: 00:15:10,2	Ele vai até o centro do dormitório com o violão e começa a tocar violão.
65	IN: 00:15:22,1 OUT: 00:15:32,1	crianças se sentam nas camas pra assistir lucas cantar, o dormitório está decorado com balões e fitas coloridas, fantoches de meias coloridas interagem com lucas enquanto ele canta
66	IN: 00:15:32,2 OUT: 00:18:20,2	Crianças se sentam nas camas pra assistir lucas cantar, o dormitório está decorado com balões e fitas coloridas, fantoches de meias coloridas interagem com lucas enquanto ele canta.
67	IN: 00:15:32 OUT: 00:18:20	Crianças dançam ao som da música e jogam confetes pro ar. Lucas adulto toca sanfona atrás de Lucas criança. rosto de marina usando a tira de rosas aparece
68	IN: 00:18:34,1 OUT: 00:18:43,2	Suzana puxa o violão das mãos de lucas

69	IN: 00:18:55,1 OUT: 00:19:05,2	Lucas sentado em sua cama põe a música pra tocar no rádio e encontrar a tiara de Marina sobre o travesseiro
70	IN: 00:19:10,1 OUT: 00:19:16,2	Lucas pega a tiara de Marina nas mãos
70	IN: 00:19:32,1 OUT: 00:19:40,2	em frente à sala de entrevista, lucas devolve a agenda de Suzane, que puxa da mão dele
71	IN: 00:19:53,1 OUT: 00:20:00,2	Suzane sai, Lucas vê o violão que Suzane deixou
72	IN: 00:20:06,1 OUT: 00:20:21,2	Lucas se senta na sala de entrevista tira o casaco amarelo e fica de regata branca
73	IN: 00:20:21,1 OUT: 00:20:36,2	pega o violão, põe a tiara de Marina. na tiara há um bilhete com as inscrições: “Se tudo não desaparecer... eu ainda quero aprender violão. Rua 32, lote 2, casa 8”
74	IN: 00:20:37,1 OUT: 00:20:47,2	sobre fundo preto com desenho de estrelas: Direção e Roteiro: Kallyo Aquiles
75	IN: 00:20:48,1 OUT: 00:20:58,2	Sobre fundo de tecido floral verde - Marcos Alberto Filho como Lucas; Brenda Barbosa como Marina
76	IN: 00:20:59,1 OUT: 00:21:07,2	sobre fundo de tecido floral cinza: Ana Luísa como Suzane; Rafael “Fael” Rodrigues como Lucas Adulto
77	IN: 00:21:09 OUT: 00:21:13	Produção Executiva: Paloma Martins e Arthur Pontes
78	IN: 00:21:13 OUT: 00:21:16	Direção de Produção: Daniel Madeira e Larissa Thiemi
79	IN: 00:21:18 OUT: 00:21:21	Primeira Assistência de Direção: Illana Lara
80	IN: 00:22:53 OUT: 00:23:02	Apoio: UnB, FAC 50 anos, LabAudio UnB, Instituto Federal de Brasília, Trupe do Filme, Colina Filmes, Trupe Trabalhe essa Ideia
81	IN: 00:23:03 OUT: 00:23:07	Filme produzido para o Bloco II da Universidade de Brasília no primeiro semestre de 2019

82	IN: 00:23:08 OUT: 00:23:19	Roteiro, Direção e Produção de Audiodescrição: Keilla Salvador Consultoria: Viviane Queiroz Edição: Juliana do Vale Narração: Gabriel Lopez
----	---	--

7.3 Diagrama do processo

Figura 3



7.4 Depoimento da equipe

Viviane Queiroz - Consultoria em Audiodescrição

Minha função no projeto foi realizar a consultoria do roteiro de audiodescrição do curta-metragem. Acessibilidade em produtos audiovisuais é importante, pois promove a inclusão de todas as pessoas, independentemente, de sua condição. Além disso, é um direito garantido pelas leis que nos ampara. Trabalho com audiodescrição há mais ou menos quatro anos. Colaboro fazendo a avaliação dos roteiros e apontando o que deve ser melhorado. Além disso, dou dicas e sugestões para o produto ter uma boa qualidade. Dou dicas de quais ferramentas tecnológicas podem ser usadas para tornar o produto audiovisual acessível. Em geral, não encontrei dificuldades nas ferramentas propostas pelo projeto, mas tivemos problemas para encontrar aplicativos adequados para a realização do trabalho. Por um ângulo mais amplo, conclui que a iniciativa do projeto é excelente e pode contribuir para a melhoria dos modos de se promover acessibilidade desses produtos. Por fim, a realização do projeto de forma remota trouxe alguns desafios, mas, aos poucos, eles vêm sendo superados, pois diante desse contexto, descobrimos vários recursos que podem nos ajudar a dar continuidade ao trabalho.

Juliana do Vale Silva - Editora de som

É importante alcançar diversos tipos de público. Ultimamente, a inclusão tem sido um tópico muito discutido e temos visto inúmeras formas de tornar conteúdos acessíveis para diversas pessoas. É importante que as pessoas tenham a capacidade de se conectar com conteúdos diversos, e, também, devemos pensar que a acessibilidade não é apenas para um tipo de público, mas é fazer com que a experiência de assistir um filme seja universal, e que muitas pessoas possam se beneficiar dos recursos de acessibilidade. Na verdade, esta foi a minha primeira experiência fazendo um trabalho de acessibilidade. Neste projeto, colaborei com a edição da audiodescrição. A partir do roteiro elaborado e da narração, fui encaixando a audiodescrição das cenas nos momentos adequados, mas a edição também teve que tomar o cuidado em equilibrar a audiodescrição com o áudio original do filme, para que ainda seja inteligível a descrição das cenas, sem competir com o áudio do filme, além de encontrar os momentos cruciais para que não fique muito cedo ou muito tarde. Depende muito da sensibilidade de quem estiver dirigindo a audiodescrição, mas a edição também deve ter o cuidado com os elementos, para que não ultrapasse partes cruciais do áudio original. A ferramenta utilizada para a edição foi o programa gratuito *Ardour*. Trata-se de um programa que permite a edição de áudio, com o monitoramento do vídeo. Muitos programas gratuitos não possuem essa função, mas o *Ardour* permite essa edição, com uma única limitação: o

programa não suporta um arquivo de vídeo muito grande, então para fazer a edição da audiodescrição, foi necessário dividir o curta-metragem em quatro partes, e depois juntá-las em um editor de vídeo, que, no caso, foi o *Adobe Premiere*. Achei um ótimo projeto. A iniciativa, em si, é muito bonita. E foi muito interessante trabalhar com audiodescrição. Trabalhar de maneira remota sempre é um desafio, entretanto, não foi uma grande dificuldade. Sempre tem aquele impedimento de transferência de arquivos, que perde um pouco do que pode ser mudado já que o *feedback* não é instantâneo, mas foi um projeto tranquilo e motivador.

Gabriel Lopes - Narrador

Me chamo Gabriel Lopes e prestei suporte ao trabalho de conclusão de curso da Keilla por meio da narração da audiodescrição e também da revisão do roteiro de audiodescrição. Minha maior motivação para execução desse trabalho, além da satisfação em colaborar com colegas que trilham o mesmo caminho já trilhado por mim, na elaboração de trabalhos em acessibilidade, foi e continua sendo, a necessidade da urgência de trabalhos acadêmicos na área da audiodescrição, principalmente dos profissionais que agora se formam em cursos ligados ao Audiovisual. Concluí o curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas na Universidade de Brasília apresentando também um trabalho em Audiodescrição e me formei com o sentimento de querer ter feito mais. Enxergo no belo trabalho realizado por Keilla e, todos os seus colaboradores, a oportunidade de continuar cooperando para que a acessibilidade em filmes seja mais vista por meio de trabalhos que apresentem viabilidade e rigor de desenvolvimento. Mesmo tendo trabalhado na narração e muito pouco na revisão do roteiro de audiodescrição, é possível ver no trabalho de Keilla empenho e dedicação. Trabalhar de maneira remota não reduziu a preocupação por parte dela nos detalhes para que o filme passasse exatamente o que ela enxergava como essencial.

7.5 Tabela de cursos

CURSOS QUE PARTICIPEI	PERÍODO	CONTEÚDO
“Audiodescrição para Cinema”, realizado pela Cinema Cego, Acessibilidade Audiovisual	nov/2019	<ul style="list-style-type: none"> ● Roteiro de AD
"Deficiência Visual e Tecnologias Assistivas", realizado pela Fundação Dorina Nowill, ministrado por Eliana Cunha	11/09/2020	<ul style="list-style-type: none"> ● Acessibilidade Natural ● Recursos Digitais ● Desenho universal ● Adaptação de materiais
“Audiodescrição para Atividades Culturais”, realizado pelo SESC Santo Amaro, ministrado por Livia Motta	ago/2020 a set/2020	<ul style="list-style-type: none"> ● Tipos de audiodescrição ● Equipamentos de AD ● Consultoria em AD ● AD em Musicais ● AD em charges ● Descrição de obras de arte ● Elaboração de roteiro para imagens dinâmicas ● AD para espetáculos e filmes
Curso de Introdução à Audiodescrição, realizado pela filmes que Voam	out/2019	<ul style="list-style-type: none"> ● O que é Audiodescrição e história da AD ● Audiodescrição no Brasil ● AD ao vivo e gravada ● Descrição de imagens estáticas ● O Consultor de Audiodescrição ● O roteiro de audiodescrição ● Voz e Narração
Tecnologia Social da Memória - Museu da Pessoa	ago/2020 a out/2020	<ul style="list-style-type: none"> ● Construir História coletivas ● Organizar Histórias ● Socializar Histórias
Comunicação Digital Acessível - SESC Santo Amaro	set/2020	<ul style="list-style-type: none"> ● Barreiras comunicacionais ● App de leitores de tela ● Navegabilidade em sites e apps ● Contraste e zoom de tela ● hashtag #paracegover ● tipos de acessibilidade

tabela 1

7.6 Ficha técnica de audiodescrição

Audiodescrição do curta-metragem A Melhor Versão de Mim - de Kallyo Aquiles

Roteiro - Keilla Salvador

Direção - Keilla Salvador

Produção - Keilla Salvador

Consultoria de roteiro - Patrícia Tavares da Mata

Consultoria de roteiro - Viviane Santos Queiroz

Narração - Gabriel Lopes

Edição/Mixagem - Juliana do Vale